

Domingo XIV do Tempo Comum – C

07 de Julho de 2019

A missão dos setenta e dois discípulos que são enviados por Jesus está na dinâmica do caminho para Jerusalém que escutávamos no domingo passado na página evangélica, e que hoje continuamos a ler. Envia-os dois a dois para apresentar uma mensagem muito clara a cada casa por onde o Mestre deve passar: «Paz a esta casa». É o anúncio da Boa Notícia, em consonância plena com as palavras do Ressuscitado no meio dos seus, no Cenáculo: «A paz esteja convosco». Os discípulos de Cristo são os que anunciam a passagem do Senhor, ou seja, a sua Páscoa.

JERUSALÉM, CIDADE DE PAZ E BEM-ESTAR

Isaías contempla numa visão profética a Cidade Santa, cheia de consolo e esperança. Jerusalém é símbolo da Igreja de Deus. Estamos longe de pensar, tanto ontem como na actualidade, que a paz, o bem-estar e a riqueza das nações provêm da própria cidade de Jerusalém. Tudo o que o profeta prevê na sua visão é dom do Senhor. A Igreja está chamada a destilar estes mesmos dons para tornar credível a mensagem que deve transmitir. Tomando a imagem terna da mãe que consola o seu filho, o profeta exprime o desejo de que Jerusalém seja também, com uma parecida atitude maternal, protectora do povo, visto que Deus fixou nela o seu olhar. Para nós, cristãos, Jerusalém é figura da Igreja, nossa mãe, a partir da qual Deus quer continuar a agir outorgando-lhe os seus dons.

A PAZ PRECEDE A COMUNHÃO COM O CORPO DE CRISTO

A saudação litúrgica do celebrante, prévia à fracção do pão eucarístico, tem um significado que vai para além de um simples desejo de fraternidade entre os que formam a assembleia reunida. É a paz de Cristo ressuscitado e glorioso. As possíveis divisões e animadversões ficam apagadas entre os que se dispõem a entrar em comunhão com o Corpo de Jesus Cristo. Tudo acontece graças à fé e à caridade que brotam do próprio altar. Tanto a fé como o amor têm uma fonte única, a de Cristo, que se entrega plenamente para nos dar a sua salvação. Se o vivemos desta maneira, o nosso coração, como diz o profeta Isaías, alegrar-se-á, e os nossos ossos florescerão como um prado (cf. primeira leitura). Assim pois, o sinal que trocamos mutuamente, no momento do gesto da paz, com simplicidade, para comunicar a paz de Cristo, deve ser realizado sem estridências nem dissipação, visto que nos preparamos para a comunhão sacramental. Não pode de nenhum modo, portanto, romper o clima de recolhimento alcançado até este momento.

A PAZ DE CRISTO É A FORÇA QUE VENCE O MAL

Os discípulos de Jesus, como «cordeiros no meio de lobos», são enviados totalmente desprovidos do que humanamente considerariam necessário para lutar contra o mal. «Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias», diz-lhes o Mestre, visto que a única arma deve ser a paz que Ele lhes transmitiu e o amor recíproco que uns e outros devem ter entre si. Esta é a única força que vale para lutar contra o mal. Per-

guntemo-nos: é talvez a «força débil» da fé? Pois sim, assim é. A fé é débil porque não possui armas nem é arrogante. E, ao mesmo tempo, a fé é forte porque muda os corações dos que se deixam imbuir por ela. Assim o exprimem as surpreendentes palavras dos setenta e dois discípulos quando voltaram com alegria da missão: «Senhor, até os demónios nos obedeciam em teu nome» A grande riqueza e a força dos cristãos reside no poder que receberam de Cristo. Nada devemos ter, quando sabemos que Ele está connosco. Daí a importância de viver como o Apóstolo, que leva no seu corpo «os estigmas de Jesus». A cruz do Senhor é portadora de paz quando nos gloriamos só nela. Portanto, a possível fadiga que supõe anunciar o Evangelho, quando o grau de resposta é pobre ou insignificante, não nos pode fazer desfalecer, visto que existe um poder superabundante nos discípulos de Cristo: amar a Deus e aos irmãos sobre todas as coisas. Aqui se encontra a poderosa riqueza do cristão, que se sabe amado incondicionalmente por Deus, pelo que não necessita de nada mais. Tudo recebe de Cristo e da sua Igreja.

O QUE REALMENTE CONTA É A VITÓRIA DE CRISTO

Se realmente fôssemos homens e mulheres de paz, da autêntica paz de Cristo, estaríamos a pôr já os fundamentos da verdade, justiça, liberdade e amor que o nosso mundo necessita. Embora possa parecer que não, toda a gente quer receber a priori e com um coração bem disposto a paz que queremos comunicar, não duvidamos nem por um instante que estamos a cumprir a missão que Cristo nos confiou. Ele mostrou-nos o caminho, vencendo o pecado e a morte, e continua a assistir-nos com o seu Espírito Santo, para trazer a sua paz, a única que salva o mundo.

Joan Obach Baurier
Pároco de Sant Oleguer e
delegado diocesano de Pastoral Sacramental da arquidiocese de Barcelona
Tradução: Marques Pereira